LOPES, Célia Regina dos Santos (2002). "De *gente* para *a gente*: o século XIX como fase de transição." *In:* ALKMIM, Tânia Maria (Org.). **Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos.** São Paulo, Humanitas /FLP/USP, p. 25-46.

De *gente* para *a gente*: o século XIX como fase de transição.

por

Célia Regina dos Santos Lopes/Universidade Federal do Rio de Janeiro

1. Introdução

Com o objetivo de descrever o percurso histórico da mudança categorial do substantivo *gente* para o pronome *a gente*, realizou-se uma análise quantitativa com base em dados do século XIII ao século XX, analisando os ambientes lingüísticos e extralingüísticos mais favoráveis ao uso de uma ou de outra forma. Nessa análise geral com todos os dados, verificou-se que o *período histórico* foi selecionado como fator relevante. Apesar de a "taxa de uso" (freqüência) de *a gente* (pronome) ser relativamente baixa antes do século XX, as "taxas de mudança" (pesos relativos) indicam os séculos XVII-XVIII como o período em que se inicia, ainda que timidamente, a pronominalização do substantivo *gente*. Como aponta Cintra (1972:38) é no século XVIII que formas pronominais como *vós*, empregado para um único interlocutor, caem em desuso, deixando "o caminho aberto para a progressiva invasão e expansão das outras formas substantivas que levam o verbo para a 3ª pessoa".

Pretende-se, com este trabalho, delimitar cronologicamente a fase histórica em que se processa essa transição de nome para pronome, identificando as possíveis causas da pronominalização do vocábulo *gente* em português e o enquadramento desse fenômeno como uma mudança interna e externamente *encaixada*.

2. Da cronologia de *(a) gente em tempo real de longa duração*

Com a quantificação da cronologia de *(a)* gente *em tempo real de longa duração*, percebeu-se, na análise dos resultados, que o processo de pronominalização do substantivo *gente* foi lento e gradual, uma vez que só foram localizadas ocorrências de *a gente* como pronome no século XVIII. Antes disso, há exemplos esporádicos em que a forma *a gente* apresenta ambigüidade interpretativa, ou seja, tanto pode ser considerada sinônimo de "pessoas" quanto variante de *nós.*

> Século XIII:
> "O jograr por tod' aquesto | non deu ren, mas violou
> como x´ ante violava, | e a candea pousou
> outra vez ena vyola;| mas o monge lla cuidou
> fillar, mas disse-ll' *a gente*: | "Esto vos non sofreremos."
> A virgem Santa Maria... (p. 27 V. I, CSM, Século XIII)

> Séc. XVI:
> "Também há muita infinidade de mosquitos prnçipalmℜnte ao longo dalg | Rio antre h | as aruores ~q se chamão manges não pode nenh | a pessoa esperallos e pello matto quando não há viração são muj sobeios e perseguem muito *a gente*". (GÂNDAVO, 1965: 235)

> "Quanto mais se chega a fim do mundo, atodo andar, tanto *a gente* é mais ruim!" (GV, p. 230, dado 21, século XVI)
>
> *Séc. XVII*:
> "(...) E os tigres, em tanta cantidade (por não haver descampados), que, em se metendo │a rês no mato, não sae, e o mesmo risco corre *a gente*, se não anda acompanhada, e pelos rios e lagos dos jaguarés..." (BERNARDO, 1996:28)
>
> "e o mesmo risco corre *a gente*, se não anda acompanhada" (MNM, dado 4, p.28)
>
> "onde multiplica menos *a gente* que no Maranhão (*idem*, dado 12, p.97
>
> *Séc. XIX:*
> "*Rosinha* - A prima Maricota disse-me que era uma coisa de pôr *a gente* de queixo caído."(JÚNIOR, (1882: 165).

Nos exemplos identificados, parece que a acepção semântica intrínseca ao substantivo *gente*, ou seja, a noção genérica de pessoa, começa a sofrer uma mudança. O traço semântico de pessoa começa a deixar de ser [ϕEU] (a "não-pessoa" de Benveniste (1988) ou a terceira pessoa do discurso)e se altera para [+EU], pois a interpretação "inclua o falante" torna-se mais nítida. Nesses casos, considera-se que o referente pode ser "todo mundo (todas as pessoas), inclusive 'o *eu*' ".

Tais ocorrências, escassas no português arcaico, começam a se tornar freqüentes a partir do século XVI. Localizou-se apenas um (01) exemplo no XIII, entretanto, a partir do século XVI a incidência de exemplos dessa natureza torna-se mais significativa. Identificaram-se 2 casos de *interpretação ambígua* no XVI, 2 no XVII, 9 no XVIII e 36 no XIX.

A figura 4.5 evidencia, a partir do XVII, um crescimento progressivo de exemplos dessa natureza, o que pode refletir um período de transição entre o uso da forma em questão exclusivamente como substantivo, até então, e o início do emprego mais efetivo como pronome que ocorre a partir do século XIX. Os casos de leitura dúbia começam a se tornar mais freqüentes do século XVI em diante. Esse período transitório instaura-se entre o século XVII e o XIX. Ressalte-se que a ascendência da curva dos casos considerados ambíguos coincide com uma curva descendente do emprego de *gente* como sinônimo de pessoas (emprego como substantivo). Do mesmo modo, conforme se configura a intensificação do emprego de *a gente* como forma pronominal do século XIX, a interpretação ambígua deixa de se fazer presente.

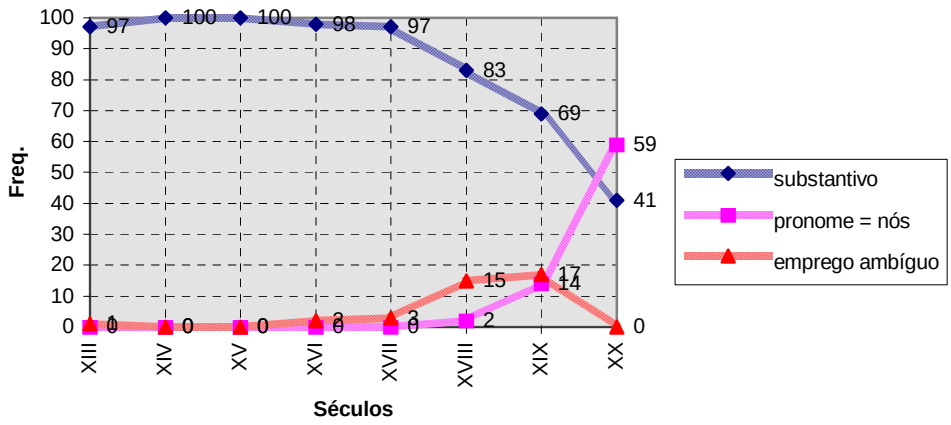


Figura4.5:Percurso histórico de *gente* (substantivo) > *a gente* (pronome)

Nos estudos funcionalistas sobre gramaticalização, revigorados nas décadas de 80 e 90, autores como Lichtenberk, 1991 (*apud* Castilho1997:55) retomam a discussão sobre o *problema da transição* (Weinreich *et alii*, 1968) e defendem ser o gradualismo inerente aos fenômenos de gramaticalização estudados. Postula-se, inclusive, que a tentativa de segmentar a gramaticalização em fases ou em unidades discretas é arbitrária por ser um fenômeno contínuo e não um processo que possa se extinguir. Ao se analisarem os diferentes estados da língua, neste estudo, observa-se uma perda gradativa e não instantânea dos traços formais através dos séculos. Isso pode referendar a perspectiva da dinamicidade da mudança vista como um *continuum* e não uma mera sucessão de sistemas homogêneos e unitários.

3 - A caracterização da transição: os traços de *gênero, número* e *pessoa*

Além de observar a freqüência de uso de *(a) gente* como substantivo e como pronome, outros fatores foram controlados. Primeiramente analisar-se-ão os traços de *gênero, número e pessoa*, discutindo, posteriormente, os resultados obtidos na análise quantitativa em que se identificam os fatores lingüísticos e extralingüísticos condicionantes.

Com relação à concordância interna no SN, estabeleceu-se o controle da presença do traço de número no substantivo *gente*, já que a forma pronominalizada não tende a ocorrer determinada no interior do sintagma nominal. O intuito era, pois, marcar cronologicamente a perda da subespecificação[1] do número formal [αpl] que pode ter sido decisiva nesse processo evolutivo de gente > *a gente*.

O traço formal de número, registrado na sintaxe, se perdeu com o tempo. Os resultados evidenciam que o substantivo *gente* apresentava com nitidez as propriedades caracterizadoras do nome por ser empregado com a subespecificação de número [αpl],

[1] Para caracterizar a especificação formal (morfossintática) e semântica de *gênero, número* e *pessoa* da forma *a gente* no seu processo de gramaticalização, adotei as noções de *subespecificação* discutidas por Rooryck (1994). O autor defende que uma especificação [α-traço] admite um valor "+" ou "-" para um dado atributo, enquanto uma especificação[ϕ-traço] encobre um atributo com nenhum valor.

ou seja, podia ser usado tanto no singular (*esta gente*) quanto no plural (*estas gentes*). Já no século XVI, há um percentual significativo de 74% de ausência do traço de número. A partir desse período, que coincide com outros fatos relevantes, tais como o desaparecimento do emprego de *homem* como indefinido e a incidência dos casos de *a gente* com ambigüidade interpretativa (figura 4.5), a perda do traço de número é acelerada, atingindo 100% no século XX. Embora a subespecificação de número se faça presente até o século XIX, o traço [ϕpl] (uso de *gente* apenas no singular) ganha terreno ao longo do tempo, firmando-se como uso categórico no nosso século.

Além da mudança com relação ao traço de número, propõe-se que, com a gramaticalização do substantivo *gente*, tenha havido também uma alteração nos traços formais e semânticos de gênero. A matriz lexical minimamente especificada do substantivo não apresentava correlação entre forma e sentido, pois o substantivo *gente* não impõe restrições quanto ao sexo dos referentes, uma vez que se refere a um grupamento de pessoas [+genérico]. No seu processo de pronominalização, a forma *a gente* pronominal, apesar não ter gênero formal como os outros pronomes pessoais, apresenta subespecificação semântica quanto ao gênero: [αFEM].

Os resultados mostram que no período arcaico, mais precisamente entre o século XIII e o XV, há uma grande variedade de concordância no predicativo, envolvendo basicamente o plural, até porque *gente* era subespecificado quanto ao número. Foram identificados 23 dados nesse período, 08 deles apresentando concordância com um adjetivo no feminino-singular [+fem, ϕpl], 06 no masculino-plural [-fem,+pl] e 09 no feminino-plural [+fem,+pl]. Verifica-se, como era esperado, que a combinação do substantivo *gente* com formas sintáticas que apresentassem os traços [+fem] é a mais freqüente (17/23, 73%), havendo apenas uma certa variação de número (15/23, 65% para [+pl]). A partir do século XVI, essas possibilidades de concordância vão paulatinamente diminuindo em termos de freqüência de uso. Nos séculos XIX e XX a concordância torna-se categórica para o feminino singular.

Com a forma gramaticalizada *a gente*, a especificação positiva de gênero formal [+fem] do substantivo desaparece, tornando-se neutra ([ϕfem]). No que se refere à interpretação semântica de gênero, o traço [ϕFEM], que não esclarecia necessariamente o sexo do referente, com a pronominalização passaria a ser semanticamente subespecificado [α FEM]. A partir dessa mudança de propriedade, a combinação formal no predicativo com formas no masculino e no feminino teria relação direta com o sexo do referente. Entretanto, o fato de *a gente* pressupor “o falante e mais alguém”, ou seja, a noção de pluralidade intrínseca a essa forma, “variante de *nós*”, permite várias possibilidades interpretativas ao se estabelecer a concordância com adjetivo em estruturas predicativas. A combinação com formas no feminino singular e/ou plural são restritivas. No primeiro caso - feminino-singular - o emissor é necessariamente um indivíduo do sexo feminino; no segundo – feminino-plural – há mais de um emissor, ambos também do sexo feminino. Com o masculino, a interpretação é mais neutra. No singular, o referente pode ser um indivíduo do sexo masculino, um grupo misto ou uma referência genérica e abrangente. No masculino-plural a referência também pode ser a grupos mistos e a duas ou mais pessoas do sexo masculino.

No século XIX, entretanto, localizaram-se ocorrências em que *a gente* pronominal se combina com um adjetivo no *feminino-singular* tendo como referente um

personagem do *sexo masculino.* Esse tipo de combinação formal de gênero fez com que considerássemos tais ocorrências como de "interpretação ambígua", embora estivesse clara a inclusão do falante no contexto: uso pronominal de *(a) gente.* Os exemplos justificam nossa posição:

> "Mas, Deus é grande! Pensava Bom-Crioulo. Deus sabe o que faz: *a gente* não tinha remédio senão obedecer *calada*, porque marinheiro e negro cativo, afinal de contas, vêm a ser a mesma cousa." (Século XIX, *Bom-Crioulo*, PB, p.42)

> "E com pouco Bom-Crioulo escancarava a janelinha do quarto, recebendo em cheio, no rosto, a frescura matinal (...) Veio-lhe à mente o grumete: -- Aleixo ainda se lembraria dele? Sim, porque neste mundo *a gente* vive enganada... Quanto mais se estima uma pessoa, mais essa pessoa trata com desprezo. E afinal ele, Bom-Crioulo, não caíra do céu..."(Século XIX, *Bom-Crioulo*, PB, p. 49)

> "Consumia-se em reflexões pueris, verberando o procedimento de Aleixo, uivando pragas que ninguém escutava(...) Não atinava com aquilo. Talvez alguma praga injusta... Era horroroso! Levar um *homem* a noite inteira sem dormir, pensando numa cousa, noutra, e, ainda por cima, o diabo de umas coceiras que punham *a gente doida*! (Século XIX, *Bom-Crioulo*, PB, p.71)

> "*Homem*, isto assim às pressas... Você bem vê ... quando *a gente* não está *previnida*."(Século XIX, *Direito por linhas tortas*, PB-teatro, p.90 - fala de persongem masculino*)*

Todos esses trechos de personagens masculinos do século XIX apresentam concordância com o feminino-singular, embora a leitura "inclua o falante" - emprego pronominal de *(a) gente* - seja a mais provável. Postula-se, pois, que o século XIX configura-se como um período de "transição", em que a forma pronominal *a gente* mantém ainda propriedades formais da classe-origem sem assumir completamente as características da nova categoria da qual passa a fazer parte. Tais observações condizem com a concepção de "transição", discutida em Weinreich *et alii* (1968) e Labov (1994), que prevê que a generalização de uma mudança lingüística não é uniforme e instantânea, mas envolve a covariação de mudanças associadas num largo período de tempo. Aparentemente, no século XIX, ou quem sabe antes disso, há um estágio intermediário entre o uso nominal de *gente* e pronominal de *a gente*, evidenciado pela manutenção desses traços formais de gênero típicos do nome.

Com relação aos *traços de pessoa*, verificam-se índices relativamente significativos de concordância do substantivo com verbo na terceira pessoa do plural (P6) até o século XIX. Percebe-se, no entanto, um acelerado decréscimo em termos dos índices de freqüência até chegar a 0% no século XX. Nos séculos XIII-XIV e XV a freqüência do uso de *gente* com P6 supera as outras possibilidades: 68% para P6 contra 19% para P3 (terceira pessoa do singular) no período de XIII-XIV e 71% contra 28% no XV. Essa fase coincide com os altos índices da presença do traço [+pl] com o substantivo. A partir do século XVI, tal comportamento se inverte e a combinação com P3 aparece com índices de freqüência cada vez maiores em relação à P6.

4. Comparação entre fases históricas e os resultados do século XIX

Comparando-se as ocorrências de *a gente* pronominal com as de *gente* substantivo, observa-se que somente no século XX o uso de *a gente* se consolida como pronome, apresentando freqüências e pesos relativos acima da média (56%, (.79)). Antes disso, mais precisamente entre os séculos XVIII e XIX, o uso de *gente* como substantivo é mais significativo. Quando, entretanto, as ocorrências de interpretação duvidosa são agrupadas às ocorrências de *a gente* pronominal, o perfil diacrônico da implementação da mudança de *gente* > *a gente* é mais nítido. Nas análises específicas de cada fase histórica séculos XVII-XVIII, século XIX e século XX, identificou-se uma certa coincidência com relação aos fatores selecionados tanto no período anterior quanto no posterior.

Ao contrário do século XX, em que há apenas uma ocorrência com ambigüidade interpretativa, nos séculos XVII-XVIII e XIX - fases consideradas de transição pelo significativo número de dados dessa natureza (47 exemplos) - verifica-se que houve coincidência com relação ao grupo "graus de referenciabilidade". Entre os séculos XIX e XX, o grupo coincidente foi "posição no SN". Pode-se conjecturar que o século XIX é o período decisivo nesse processo de gramaticalização e define realmente uma fase transitória, ora apresentando características semelhantes a uma etapa bem inicial do processo de gramaticalização (séculos XVII-XVIII), ora selecionando aspectos do período em que o processo se efetivou (século XX).

A partir dessas observações específicas sobre a cronologia de gente → *a gente*, que evidenciam ser o século XIX o período que marca a transição do processo, analisemos agora os grupos de fatores selecionados e os resultados obtidos a partir dos dados exclusivos dessa fase histórica.

[2]**i) Dêixis/anáfora/catáfora**	***Nº/Total***	***Freq.***	***Peso Relativo***
Dêitico	*020/026*	*77%*	*.94*
Catafórico	*002/028*	*07%*	*.31*
Anafórico	*007/045*	*16%*	*.26*

ii) Tipologia semântica do sujeito	***Nº/Total***	***Freq.***	***Peso Relativo***
Genérico	*021/066*	*32%*	*.62*
Específico	*032/130*	*25%*	*.44*

iii)Posição no SN*:*	***Nº/Total***	***Freq.***	***Peso Relativo***
Isolado no SN	*030/057*	*53%*	*.57*
Núcleo de locução adjetiva	*009/026*	*35%*	*.35*

iv) Gênero (sexo)	***Nº/Total***	***Freq.***	***Peso Relativo***
Feminino	*027/042*	*64%*	*.77*
Masculino	*032/092*	*35%*	*.37*

[2] Tabela 4.31 - Grupos de fatores selecionados no século XIX: Substantivo *gente* x *a gente* (incluindo variante de *nós* [+específico] e *interpretação ambígua*) (PE + PB). Valor de aplicação: *a gente* não-substantivo.

v) Tempo verbal	***Nº/Total***	***Freq.***	***Peso Relativo***
Presente subjuntivo	*003/004*	*75%*	*.92*
Infinitivo	*008/009*	*89%*	*.87*
Presente do indicativo	*023/040*	*57%*	*.51*
Pretérito imperfeito do indicativo	*005/023*	*22%*	*.24*

vi)Graus de referenciabilidade	***Nº/Total***	***Freq.***	***Peso Relativo***
[+definido, +referencial, -específico]	*031/064*	*48%*	*.81*
[-definido, +referencial, -específico]	*021/072*	*29%*	*.39*
[-definido, -referencial, -específico]	*007/033*	*21%*	*.30*
[+definido, +referencial, +específico]	*006/039*	*15%*	*.29*

Como foi observado, é no século XIX que a gramaticalização de *a gente* começa a se delinear com maior clareza. Ao contrário do período anterior (séculos XVII-XVIII) o número de dados da forma pronominal é mais significativo. Dos 212 dados levantados[3], nesse período, localizaram-se 30 de *a gente* pronominal e 36 ocorrências de *a gente* que apresentavam ambigüidade interpretativa. Comparando-se as freqüências relativas ao uso de *(a) gente* como substantivo e como pronome, verifica-se maior intensificação do uso pronominal no século XIX, pois 31% dos 212 dados são de *a gente* pronominal (66 ocorrências), contra 69 % (146 ocorrências) do emprego como substantivo. Na fase anterior, 90,4% (113 ocorrências de um total de 125) são da forma substantiva e apenas 9,6% (12 ocorrências) são de *a gente não-substantivo.*

Ressalte-se, ainda, a seleção exclusiva, em termos de fase histórica, do *tempo verbal* e do *gênero* (*sexo*). Quanto ao primeiro, é importante enfatizar que os resultados são semelhantes ao que já foi discutido nos estudos sobre a variação sincrônica de *nós* e

3

Século	**Tipo de texto**	**Título do texto**	**Modalidade**	**N/oco**
XIX	Teatro	*Frei Luis de Sousa (1843). In:* GARRETT, A, 1975.	PE	10
XIX	Romance	*Bom Crioulo. In:* CAMINHA, A, 1885.	PB	50
XIX	Teatro	*Quorpo Santo: Teatro Completo. In:* QUORPO SANTO, 1980.	PB	12
XIX	Romance	*Dom Casmurro. In:* ASSIS, M. 1900.	PB	27
XIX	Romance	*Memórias de um Sargento de Milícias. In:* ALMEIDA, M. A., 1855.	PB	22
XIX	Proc/crimes	*Insurreição Negra e Justiça. Transcrição dos autos crimes de1838.*	PB	25
XIX	Romance	*Eurico, o Presbítero. In:* HERCULANO, A E.	PE	02
XIX	Romance	*A queda dum anjo. In:* CASTELO BRANCO, 1887.	PE	17
XIX	Teatro	*Como se Fazia um Deputado* (1882). *Teatro França Junior. In:* CAFEZEIRO, E., 1980.	PB	11
XIX	Teatro	*Caiu o Ministério* (1883) *Teatro França Junior. In:* CAFEZEIRO, E., 1980.	PB	03
XIX	Teatro	*As Doutoras* (1887) *Teatro França Junior. In:* CAFEZEIRO, E., 1980.	PB	04
XIX	Teatro	*Direito por Linhas Tortas*" (1871) *Teatro França Junior. In:* CAFEZEIRO, E., 1980.	PB	06
XIX	Teatro	*O Juiz de Paz da Roça. In:* PENA, M. 1987. *As Melhores Comédias de Martins Pena.*	PB	09
XIX	Teatro	*As casadas solteiras. In:* PENA, M. 1987..	PB	02
XIX	Teatro	*Os dois ou o Inglês Maquinista (1842) In:* PENA, M. 1987.	PB	07
XIX	Teatro	*Judas em sábado de aleluia (1844) In:* PENA, M. 1987..	PB	05

a gente em dados de fala no português do Brasil (Lopes, 1993). Quanto ao segundo fator, causa uma certa estranheza o fato de o *gênero (sexo)* ter sido considerado relevante em um *corpus* de língua escrita, em que a referência ao sexo do "locutor" é eventualmente indicada em textos muito específicos, como é o caso das peças teatrais e dos romances.

O fato é que o gênero foi selecionado na subamostra do século XIX e em todas as vertentes do português analisadas (moçambicana, brasileira e européia), apresentando resultados praticamente idênticos, ou seja, maior favorecimento para o uso da nova forma, *a gente* pronominal, entre as mulheres. No século XIX, como pode ser visto na tabela 4.31.iv, os escritores, sejam os de teatro, sejam os romancistas, faziam com que suas personagens femininas utilizassem mais incisivamente a forma *a gente* pronominal (64%, .77), contra um uso mais tímido dos personagens masculinos (35%, .37).

É conveniente lembrar os princípios básicos apontados em Labov (1990) sobre a variável sexo (gênero):

> Numa estratificação sociolingüística estável, os homens usam, com uma freqüência maior, as formas "não-padrão";
>
> Na maioria dos fenômenos de mudança lingüística são as mulheres que inovam, usando formas "não-padrão".

Pressupondo que a gramaticalização de *a gente* tenha dado um salto significativo a partir do século XIX, e mesmo sendo difícil predicar **quem** deu início a uma efetiva mudança lingüística, parece – pelo menos é o que os resultados indicam -- que foram as mulheres que deram o primeiro passo na introdução dessa nova forma.

Tal resultado nos leva a discutir alguns aspectos históricos que podem auxiliar na identificação das possíveis causas da pronominalização do vocábulo *gente* em português, e no seu enquadramento como uma mudança interna e externamente *encaixada*.

Cintra (1972), em um estudo intitulado *Sobre "Formas de Tratamento" na Língua Portuguesa*, discute que uma característica peculiar ao sistema do português atual é "a extraordinária variedade e freqüência de emprego dos tratamentos de tipo nominal", diferente do encontrado nas primeiras fases da língua portuguesa. A oposição se estabelecia basicamente entre *tu/vós* (plano da intimidade) *versus vós* (plano de cortesia ou distanciamento), como até hoje em francês.

A marcação cronológica desse processo de gramaticalização das formas nominais de tratamento é o que mais interessa no estabelecimento de correlações.

Em primeiro lugar, a forma vós "como tratamento cortês universal e único, apto para ser utilizado em qualquer circunstância, mesmo em alocuções dirigidas ao rei, só esteve em Portugal em vigor até aos princípios do século XV"(p.46). A partir dessa época, surgiram, ao lado de *vós* -- para se referirem ao rei, depois aos fidalgos e, por

fim, a qualquer pessoa -- diversas formas nominais que sofreram uma acelerada degradação semântica, mas acabaram por ocupar o plano das formas de cortesia.

No século XVIII, *vós*, empregado para um único interlocutor, tido como traço arcaizante -- fala de pessoas velhas e provincianas -- praticamente cai em desuso.

> "Para o lugar que o *vós* deixou vago no sistema, apresentou-se o *você* (...) semelhante pelas origens às referidas fórmulas, mas muito mais evoluído dos pontos de vista semântico e fonético, estava o caminho aberto para a progressiva invasão e expansão das outras formas substantivas que levam o verbo para a 3ª pessoa." (pp.35-38)

As causas da degradação do *vós* como forma de cortesia precisam ser identificadas em termos das modificações operadas no sistema. Depreende-se na implementação dessa mudança tanto um *encaixamento* social quanto lingüístico. A ampliação e especialização do emprego de formas nominais como tratamento de cortesia está intimamente ligada, num primeiro momento, à consolidação de uma sociedade dividida em grupos sociais. Tal propagação, em um estágio inicial, foi impulsionada pela corte e a nobreza a ela ligada (ambas saídas da revolução de 1383-1385) que adotaram e degradaram o emprego inicial das formas nominais de tratamento cortês. Já em termos lingüísticos:

> "A perda do tratamento por *vós* e a sua substituição por um tratamento que conduzia o verbo para 3ª pessoa foi certamente favorecida por uma tendência para simplificar, num sector em que a gramática portuguesa se apresenta particularmente complexa: a flexão verbal, extremamente rica em formas bem diferenciadas."(Cintra, 1972:36)

O mapeamento diacrônico delineado na gramaticalização de *a gente* coincide com as observações feitas por Cintra. Os fenômenos são paralelos e estão inter-relacionados. A propagação ou emergência das expressões nominais de tratamento, em substituição ao tratamento *vós* a partir do século XV, a degradação semântica e a sua consolidação no século XVIII correspondem ao que foi observado na pronominalização de *a gente*. A perda de certas propriedades formais características do nome, como a subespecificação de número plural de *gente,* deu-se a partir do XVI. Além disso, o século XVIII marca a fase embrionária do seu processo de gramaticalização.

A pronominalização do substantivo *gente* não foi um processo isolado, mas uma conseqüência de uma mudança *encaixada* lingüística e socialmente. Há uma emergência gradativa de formas nominais de tratamento que passam a substituir o tratamento cortês universal *vós*, num primeiro momento pela ascensão da nobreza e mais tarde da burguesia que exigia um tratamento diferenciado. Essa propagação, que começa de *cima para baixo,* se dissemina pela comunidade como um todo e as formas perdem sua concepção semântica inicial, gramaticalizando-se – algumas de forma mais acelerada que outras, como é o caso de *Vossa Mercê > vosmecê > você.* Pelo fato de as formas nominais levarem o verbo para a terceira pessoa do singular, houve a redução do nosso paradigma flexional que perdeu, como já apontou Duarte (1995), "a propriedade de licenciar e identificar sujeitos nulos".

O fato inusitado de as mulheres, representadas pelas as personagens femininas, aparecerem não só no século XIX, mas nas outras análises parciais, como implementadoras da mudança incitou-me a olhar os dados não numa perspectiva quantitativa, como um conjunto quantificável de ocorrências, mas sim numa perspectiva qualitativa, como reflexo de um perfil social que se quer traçar.

Vistoriando os dados, verifica-se que as mulheres que estão fazendo um uso pronominal de *a gente* são personagens populares, seja nas obras literárias, seja no teatro. No cruzamento do *sexo* com o *tipo de texto*, identifica-se que das 22 ocorrências de *a gente* como *variante de nós*, 16 dados (73%) são relativos a mulheres, contra 06 (27%) ocorrências relativas a homens. As personagens femininas que predominam no *corpus* são figuras caricaturais utilizadas no teatro de comédia para crítica de costumes. Cafezeiro & Gadelha (1996:208) caracterizam com precisão as peças da época:

> "Os textos da comédia brasileira do período romântico estão, em sua maioria, mais próximos de um estilo realista-naturalista que propriamente do estilo romântico. Vê-se (sic!) problemas familiares, topográficos, em especial o Rio de Janeiro, que se tornara capital e com isso representava uma oposição aos elementos do interior. Quanto à família, as relações entre marido e mulher, noivo e noiva, namorado e namorada e entre amantes são às vezes fotografadas, caricaturadas, idealizadas ou ridicularizadas de acordo com o espaço político-social do Rio de Janeiro, modelo de aspirações e realizações para todas as outras províncias".

Alguns exemplos podem confirmar que é na boca de figuras populares femininas que o *a gente* pronominal aparece com maior freqüência, reforçando a hipótese de que embora num primeiro momento a pronominalização de nominais tenha ocorrido de *cima para baixo*, com a expansão das formas nominais de tratamento, a sua disseminação ocorreu de *baixo para cima*, tendo, talvez, sido implementada pelas mulheres.

> ***Bom Crioulo*** **(fala de uma portuguesa dona de uma pensão)**
> "E a portuguesa narrou o caso do bilhete, que ela rasgara, "porque não vale a pena *a gente* se amofinar". (dado 43, p.69,BC)
>
> "Você nunca me encontrou com outro, para fazer mau juízo *da gente*. (dado 42,p.68, BC)
>
> ***Memórias de um sargento de Milícias***:
> "A comadre fez sinal que mandasse retirar Luisinha e as mais crianças; e a conversa caminhou livremente.
> _ Então, que me diz, senhora, da desgraça da pobre velha? criar *a gente* uma rapariga com todo carinho, e no fim ter aquela recompensa!... no meu tempo não se viam cousas destas...(=nós)(dado 9, p.66, PB, século XIX, MSM) **(conversa de duas comadres, uma delas era parteira)**
>
> "Ora, eu bem sei que ela também teve a sua culpa... mas eu desculpo isso, porque também já fui rapariga... e sei que quando começa cá o diabo no corpo, adeus! Mas isto põe *a gente* tonta..., porque enfim a rapariga podia vir a fazer fortuna." (dado 7, p.31, MSM, século XIX) (**descrição do próprio autor = "mulher velha, baixa, gorda, vermelha, vestida segundo o costume das mulheres da baixa classe do país."**.(p.30)
>
> "Veja, senhora, a que está sujeita *a gente* nesta vida... (dado 10, p.84, MSM, século XIX, MSM)

> "isto põe a cabeça *da gente* como uma cebola podre." (dado 17, p.31, século XIX, MSM)
>
> "Pois então por ser há *a gente* uma mulher velha" (dado 18, p.31, século XIX, MSM)
>
> ***Como se fazia um deputado*** (falas da personagem Rosinha, mocinha do interior, caricatura de uma caipira que usa regularmente *a gente* referindo-se a si própria, sem incluir mais ninguém)
>
> Henrique (À parte) - Que diabo hei de eu dizer a esta pamonha?
> Rosinha (À parte) - Se tu esperas que te puxe pela língua, estás mal enganado.
> (...)
> Henrique (À parte) - Mas agora reparo que ela é bem interessante. Lindos olhos, cílios brandamente arqueados...
> Rosinha (À parte) - Como ele olha para *a gente!* (dado, 23, p. 136, CFD)
> Henrique (À parte) - E não é que o diabinho da menina é bem interessante. (Alto). Quero dizer-lhe que a senhora é a rosa mais encantadora destes prados, e que faz morrer de inveja e de ciúmes todas as flores que a cercam.
> Rosinha - O senhor está caçoando com *a gente*. (dado 24, p. 136)
>
> Henrique (À parte) - Por que tratas-me por senhor, quando nossas almas terão de unir-se dentro em pouco, na mais completa intimidade?
> Rosinha - Por que *a gente* tem vergonha
> Henrique - Se tu soubesses como me cativas de dia em dia com esta singeleza!
> Rosinha - É que eu sou uma pobre moça da roça, não tenho educação... (dado ,p.165)

Cabe ainda sistematizar os resultados identificados no século XIX que foram apresentados na tabela 4.31:

> a) O emprego dêitico da forma *a gente* (77%, .94) aparece como um dos fatores mais importantes no processo de gramaticalização, sendo selecionado em diversas amostras.

A seleção sistemática do grupo que controlava o caráter dêitico/anafórico das formas ocorreu, certamente, pela incidência de dados retirados de peças teatrais, principalmente a partir do século XVIII e por estarmos analisando textos escritos que, por não se apoiarem no contexto situacional, precisam prever as possíveis dúvidas do leitor, fornecendo todos os elementos necessários para a compreensão da mensagem, inclusive a delimitação precisa dos referentes

> b) Assim como ocorreu nas outras amostras, a forma pronominal *a gente* aparece no século XIX com um emprego mais genérico (.62) que específico (.44).

Ressalte-se que esse grupo *(tipologia semântica do sujeito)* foi sistematicamente selecionado nas diversas amostras, apresentando resultados similares. Ao analisar o uso do substantivo *homem* como pronome indefinido no português arcaico, por exemplo, verificou-se que esse emprego está diretamente relacionado com a perda da referência do nome substantivo que, ao ser utilizado como pronome, assume um acepção indeterminada. Em um estágio intermediário do processo gradual de perda de especificidade o item assumiu um caráter genérico antes de atingir o grau máximo de

indeterminação. Na análise geral da cronologia de *a gente em tempo real de longa duração* observou-se também maior tendência ao emprego de *a gente* pronominal como *sujeito genérico* que como *sujeito específico*. Tais incidências evidenciam a "hipótese da taxa constante" (*Constant Rate Hypothesis*) defendida por Kroch (1989,1994), que prevê que, em um processo de mudança, uma forma inovadora aparece em todos os contextos ao mesmo tempo e progride a uma "taxa constante" em termos probabilísticos, implementando-se mais rapidamente nos contextos lingüísticos mais favoráveis.

> c) Os resultados evidenciam que a posição de *a gente* no SN torna-se mais fixa e rígida, sendo utilizada já a partir do século XIX como núcleo isolado no SN (53%, .57), comportando-se como um verdadeiro pronome pessoal.

O grupo *posição no sintagma nominal* foi postulado para testar a hipótese de que, no processo de pronominalização, a forma substantiv*a gente* perde gradativamente seus privilégios sintáticos de categoria nominal, como o fato de poder ser determinada por anteposição, posposição ou anteposição-posposição simultânea de especificadores dentro do SN, passando a assumir um dos atributos característicos dos pronomes pessoais que é o de não poder ser determinado no SN, ocorrendo preferencialmente isolado no sintagma nominal. A possibilidade de determinação do nome, ao lado da impossibilidade de determinação do pronome pessoal, seria o principal fator que oporia uma classe à outra, determinando sua referenciabilidade.

> d) Observa-se que os tempos verbais associados à interpretação genérica (presente do subjuntivo (75%, .92), presente do indicativo (57%, .51) e formas infinitivas (89%, .87)) já no século XIX aparecem com mais freqüência combinadas à forma pronominal *a gente.*

Cabe estabelecer um confronto entre passado e presente, pois como afirma Labov (1994:63) "as observações *em tempo real* podem calibrar e confirmar as possibilidades levantadas *no tempo aparente"*.

Em outros estudos sobre a variação sincrônica entre *nós* e *a gente,* seja com base em *corpus* de falantes com pouca escolaridade (Omena, 1986), seja entre falantes cultos (Lopes,1993), verificou-se que o presente do indicativo e as formas nominais favoreceriam o uso de *a gente,* enquanto o futuro e o pretérito perfeito favoreceriam a presença de *nós.* Para justificar tal correlação, Lopes (1993:73-4) afirma que:

> "...esta relação tempo verbal/pronome ocorre em função da interferência de outros fatores, como: a saliência fônica, o gênero discursivo e a determinação dos referentes. A interdependência dos fatores parece-nos óbvia, uma vez que o falante, ao narrar um acontecimento, refere-se a um evento passado (marcado temporal e cronologicamente), além de determinar as pessoas envolvidas na ação narrada. Conseqüentemente, há um favorecimento à presença de *nós*: narração = referente [+determinado], [+tempo], [+saliência]. Em contrapartida, ao descrever ações habituais ou freqüentes, o falante não marca temporalmente seu discurso, nem determina os agentes envolvidos e, por isso, o emprego da forma *a gente* é mais usual: descrição = referente [-determinado], [-tempo], [-saliente]"

O aspecto mais interessante a ser enfatizado, por ora, é que o *tempo verbal* somente foi considerado fator relevante na análise *em tempo real de longa duração*, na *subamostra do século XIX* - período histórico em que a pronominalização é mais nitidamente detectável - e na *subamostra do português do Brasil* - variedade do português em que o uso de *a gente*, como pronome, é mais significativo. Isso pode sugerir que a combinação de *a gente* com formas verbais menos marcadas formal e semanticamente (presente e infinitivo), combinação esta constatada em estudos sincrônicos, teve início no século XIX, período que marca o início da gramaticalização de *a gente*.

Essa continuidade ou similaridade entre presente e passado permite aplicar o princípio do *uniformitarismo*, discutido por Labov (1994:21), que prevê que "o conhecimento do processo que operou no passado pode ser inferido pela observação do desenvolvimento do processo no presente".

5. Considerações finais:

Embora a visão panorâmica tenha se sobreposto a um estudo verticalizado de uma sincronia, a análise proposta apresenta alguns caminhos que podem gerar profícuas investigações. A partir dos dados disponíveis fica evidente que apesar de o vocábulo *(a) gente* começar a perder suas propriedades formais de nome desde o século XVI, o século XIX é fase decisiva nesse processo de gramaticalização. A perda da subespecificação de número formal, da concordância com P6, e de certos privilégios sintáticos, como o fato de ser determinado dentro do SN atinge altos índices nesse período. Entretanto, o número significativo de exemplos que apresentam ambigüidade interpretativa e a concordância de *a gente*, pressupostamente pronominal, com adjetivos no feminino tendo como referente personagens masculinos ainda evidenciam a transitoriedade do processo.

Ressalte-se ainda que o grupo *fase histórica* foi selecionado como fator relevante tanto na amostra que agrupava dados exclusivos do português europeu, quanto naquela que se restringia aos dados do português do Brasil. Na amostra relativa a PP, que engloba um período histórico mais dilatado (século XIII ao XX), o uso de *a gente* aparece com maior peso relativo no século XIX (.91), já na amostra de PB identificou-se uma ascendência abrupta entre o século XIX e XX, de (.19) para o primeiro e de (.84) para o segundo, o que pode evidenciar que no Brasil a mudança ocorre realmente a partir do século XX.

Uma descrição mais profunda desse período histórico, investigando não só os textos literários e teatrais, mas também cartas pessoais e jornais de época, poderá vir a referendar, ou não, tais conclusões.

6. Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Manuel Antonio de. (1855). *Memórias de um Sargento de Milícias*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A.

ASSIS, Machado. (1900). *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A.

BENVENISTE, E. (1988). *Problemas de lingüística geral I.* Campinas: Pontes/ Editora da UNICAMP.

CAFEZEIRO, Edwaldo. (ed. de) (1980). *Coletânea Teatro França Júnior/Tomo II*. Volume 5, Rio de Janeiro: MEC/SNT/FUNARTE.

_____ & GADELHA, C. (1996). *História do Teatro Brasileiro: um percurso de Anchieta a Nelson Rodrigues.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ/EDUERJ/FUNARTE.

CAMINHA, Adolfo. (1895). *Bom-Crioulo*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A.

CASTELO BRANCO, C. (1887). *A queda dum anjo.* Proêmio e nótulas do Professor Pedro Pinto. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A

CASTILHO, A. (1997). "A gramaticalização". *Estudos Lingüísticos e literários,* Salvador: Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística/UFBA, 19:25-64.

CINTRA, L. F. L. (1972). *Sobre "Formas de Tratamento" na Língua Portuguesa.* Lisboa: Livros Horizonte/Colecção Horizonte 18.

DUARTE, M. E. L. (1995). *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro.* Tese de doutorado, Campinas: Unicamp.

GARRET, Almeida. (1975). *Frei Luís de Sousa (1843).* 5ª edição, Lisboa: Publicações Europa-América.

HERCULANO, Alexandre. *Eurico, O Presbítero*. 38º edição, Lisboa: Livraria Bertrand, s/d.

Insurreição Negra e Justiça. Transcrição dos autos crimes (Homicídio) 1838. (1987). Rio de Janeiro: EXPED/Expressão e Cultura.

KROCH, A (1989). "Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change". *Language Variation and Change,* 1(3): 199-244.

_____ . (1994). "Morphosyntactic Variation". Paper presented in the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation and Linguistic Theory.

LABOV, W. (1990). "The intersection of Sex and social class in the course of linguist change". *Language Variation and change*. SANKOFF, D. *et alii* (eds.), Cambridge: Cambridge University Press, 2 (2) 135-56.

_____ . (1994). *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell.

LOPES, C. R. dos S. (1993). ***Nós*** *e* ***a gente*** *no português falado culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ.

PENA, Luís Carlos Martins. (1987). *As Melhores Comédias de Martins Pena*. Apres. Guilhermino César Porto Alegre, Rio de Janeiro: Mercado Aberto.

QUORPO SANTO, pseud. de José Joaquim de Campos Leão. (1980). *Teatro Completo*. Fixação do tempo, estudo crítico e notas de Guilhermino César, Rio de Janeiro: SNT/FUNARTE.

WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. I, (1968). "Empirical foundations for a theory of languge change." In: LEHMANN, W & MALKIEL, Y., (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press.